

DAVE EGGERS

Os monstros

Baseado no livro ilustrado *Onde vivem os monstros*, de Maurice Sendak,
e no roteiro do filme homônimo, escrito por D.E. e Spike Jonze

Tradução
Fernanda Abreu



Copyright © 2009 by Dave Eggers, Maurice Sendak & Warner Bros. Entertainment Inc.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

The Wild Things

Capa

Rachell Sumpster

Preparação

Maria Cecília Caropreso

Revisão

Daniela Medeiros

Marise Leal

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Eggers, Dave
Os monstros / Dave Eggers ; tradução Fernanda Abreu — São Paulo : Companhia das Letras, 2009.

Titulo original: The Wild Things

ISBN 978-85-359-1556-3

1. Ficção norte-americana I. Título.

09-09512

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

[2009]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORARIA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707 3500

Fax (11) 3707 3501

www.companhiadasletras.com.br

1.

Tão ofegante quanto Cotoco, Max perseguiu o cachorro branco feito uma nuvem pelo corredor do andar de cima, desceu a escada de madeira e chegou ao frio *hall* aberto. Max e Cotoco faziam sempre isso, sair correndo e lutando pela casa, embora a mãe e a irmã de Max, as duas outras moradoras da casa, não gostassem do barulho nem da violência da brincadeira. O pai de Max morava na cidade e telefonava toda quarta e todo domingo, mas às vezes não.

Max se jogou em cima de Cotoco, errou, trombou em cheio com a porta da frente e derrubou a cestinha que ficava pendurada na maçaneta. Essa cestinha era um pequeno recipiente de vime que Max achava idiota, mas que a mãe de Max insistia em deixar pendurado na maçaneta da porta da frente para dar sorte. A principal finalidade da cestinha era ser derrubada e cair no chão, onde muitas vezes era pisoteada. Então Max derrubou a cestinha, e depois Cotoco pisou nela, enfiando o pé pelo fundo com um desagradável ruído de vime se rasgando. Max ficou aflito por um segundo, mas então esqueceu a aflição ao ver Cotoco tentando

andar pela casa com a cesta presa à pata. Não conseguia parar de rir. Qualquer pessoa sensata veria a graça daquela situação.

— Você vai passar o dia inteiro fazendo maluquice? — perguntou Claire, aparecendo de repente em pé ao lado de Max. — Só faz dez minutos que você chegou em casa.

Sua irmã Claire estava com catorze anos, quase quinze, e já não tinha o menor interesse por Max, pelo menos não um interesse constante. Claire agora estava no primeiro ano do ensino médio, e tudo que os dois sempre haviam gostado de fazer juntos — inclusive brincar de Lobo e Mestre, brincadeira que Max ainda achava legal — já não a seduzia tanto. Ela havia passado a se exprimir com um tom de eterna insatisfação e irritação com tudo que Max fazia, e com a maioria das coisas que existiam no mundo.

Max não respondeu à pergunta de Claire; qualquer resposta seria problemática. Se dissesse “não”, isso iria sugerir que ele de fato estava fazendo maluquice, e se dissesse “sim”, significaria que não apenas havia feito maluquice, e estava admitindo isso, mas que pretendia *continuar* fazendo maluquice.

— É melhor você dar uma sumida — disse Claire, repetindo uma das expressões preferidas de seu pai. — Convidei umas pessoas para virem aqui em casa.

Se Claire estivesse com a cabeça no lugar, saberia que dizer a Max para *dar uma sumida* só iria fazê-lo querer *aparecer* ainda mais, e dizer-lhe que iria receber convidados só o deixaria ainda mais decidido a estar presente.

— A Meika também vem? — perguntou ele. Meika era a amiga de Claire de quem ele mais gostava; as outras eram todas umas imbecis. Meika lhe dava atenção, conversava de verdade com ele, fazia-lhe perguntas, e certa vez tinha até ido ao seu quarto brincar de Lego e admirar a fantasia de lobo que ele guardava pendurada na porta do armário. Ela não tinha esquecido as coisas divertidas da vida.

— Não interessa — respondeu Claire. — Deixe a gente em paz e pronto, tá? Não chame ninguém para brincar com os seus tijolinhos ou para qualquer outra besteira ridícula que quiser que eles façam.

Max sabia que ficar olhando e chateando Claire e os amigos dela seria melhor se estivesse acompanhado, então saiu de casa, montou na bicicleta e desceu a rua até a casa de Clay. Clay havia se mudado para lá pouco tempo antes; morava em uma das casas recém-construídas que ficavam mais embaixo na rua. E, embora ele fosse pálido e tivesse uma cabeça excessivamente grande, Max estava lhe dando uma chance.

Max foi pedalando pela calçada em zigue-zague com a cabeça cheia de ideias sobre o que ele e Clay poderiam fazer com ou, se isso não fosse possível, *contra* os amigos de Claire. Era dezembro, e a neve, seca e fofa poucos dias antes, estava agora derretendo, deixando as ruas e as calçadas cobertas de lama escura e os gramados sufocados por uma capa irregular de gelo.

Alguma coisa estava acontecendo no bairro de Max. As casas velhas estavam sendo demolidas e em seu lugar iam surgindo casas novas, maiores e mais chamativas. Havia catorze casas no seu quarteirão, e nos últimos dois anos seis delas, todas maiores para pequenas e de um andar só, tinham sido postas abaixo. Todas as vezes a mesma coisa havia acontecido: os donos tinham ido embora ou morrido de velhice, e os novos moradores haviam decidido que gostavam da localização da casa, mas queriam outra bem maior no mesmo lugar. Isso fez o bairro se encher com o constante barulho de obras e, para a alegria de Max, com um estoque quase inesgotável de materiais descartados — pregos, madeira, arame, placas isolantes, telhas. Com isso tudo, ele vinha construindo uma espécie de casa só sua em uma árvore no mato perto do lago.

Max chegou, desceu da bicicleta e bateu na porta de Clay Mahoney. Curvou-se para amarrar os cadarços e, quando estava

terminando o segundo nó no sapato esquerdo, a porta se abriu com energia.

— Max? — A mãe de Clay estava em pé na sua frente, usando uma calça preta justa e uma camiseta branca *baby look* que dizia HOJE! SIM! por cima de um *top* de lycra preta; estava vestida como um esquiador alpino profissional. Atrás dela, um vídeo de ginástica estava pausado na tv. Na tela, três mulheres malhadas esticavam os braços para cima e para a direita, fazendo caretas desesperadas, tentando alcançar alguma coisa bem para fora do quadro.

— O Clay está? — perguntou Max, pondo-se de pé.

— Não, Max, sinto muito, ele não está.

Ela segurava uma grande caneca prateada de asa preta — algum tipo de caneca de café — e, enquanto tomava um gole, olhou para um lado e para o outro da varanda da frente.

— Você veio sozinho? — perguntou.

Max pensou nessa pergunta por um segundo, em busca de um sentido oculto. É claro que ele tinha ido lá sozinho.

— Vim — respondeu.

Max já tinha reparado que a mãe de Clay sempre parecia estar com cara de surpresa. Sua postura e sua voz transmitiam uma impressão de controle, mas seus olhos diziam *É mesmo? O quê? Como é possível?*

— Como foi que você veio até aqui? — perguntou ela.

Outra pergunta estranha. A bicicleta de Max estava caída no chão a pouco mais de um metro atrás dele, bem à vista. Será que ela não estava vendo?

— De bicicleta — respondeu ele, apontando por cima do ombro com o polegar.

— Sozinho? — perguntou ela.

— É — disse ele. *Mas que mulher estranha*, pensou Max.

— Sozinho? — repetiu ela. Seus olhos haviam se arregalado. Coitado do Clay. A mãe dele era doida. Max sabia que pre-

cisava tomar cuidado com o que dissesse para alguém doido. Gente doida não tinha que ser tratada com muito cuidado? Ele decidiu ser educado.

— Sim, senhora Mahoney. Eu... estou... sozinho. — Pronunciou as palavras devagar, com cuidado, sem deixar de encará-la nos olhos.

— Os seus pais sabem que você anda de bicicleta por aí sozinho? Em dezembro? E sem capacete?

Aquela senhora definitivamente estava com dificuldades para compreender o óbvio. Era óbvio que Max estava sozinho, e óbvio que tinha ido até lá de bicicleta. E não havia nada sobre a sua cabeça, então por que perguntar sobre um capacete? Ainda por cima, ela estava tendo alucinações. Ou será que era meio cegueta?

— Sim, senhora Mahoney. Eu não preciso de capacete. Moro bem ali no final do quarteirão. Vim pela calçada.

Ele apontou para a rua em direção à própria casa, que era visível de onde estavam. A sra. Mahoney levou a mão à testa e apertou os olhos, parecendo uma náufraga em busca de um navio de resgate no horizonte. Abaixou a mão, virou os olhos para Max e deu um suspiro.

— Bom, o Clay está na aula de *quilt* — disse ela. Max não sabia o que era uma aula de *quilt*, mas parecia bem menos divertido do que fazer espadas com pingentes de gelo e ficar atirando nos passarinhos, que era a ideia de Max.

— Bom, então tá. Obrigado, senhora Mahoney. Diga para ele que eu passei aqui — falou. Acenou um tchau para a mãe doida de Clay, virou-se e subiu na bicicleta. Ouviu a porta da casa dos Mahoney se fechar enquanto se afastava. Porém, quando começou a pedalar pela calçada em direção à sua casa, viu que a sra. Mahoney estava do seu lado, caminhando decidida, ainda segurando a caneca prateada.

— Não posso deixar você ir sozinho — disse ela, dando passos rápidos a seu lado.

— Obrigado, senhora Mahoney, mas eu ando de bicicleta sozinho todo dia — disse ele, pedalando com cuidado e novamente sem deixar de encará-la nos olhos. A estranheza daquela mulher havia triplicado e os batimentos cardíacos de Max haviam duplicado.

— Mas hoje você não vai andar — disse ela, estendendo a mão para segurar o selim da bicicleta de Max.

Agora ele estava começando a ficar assustado. Aquela mulher não apenas era maluca mas o estava seguindo, agarrendo-o. Ele aumentou a velocidade. Pensou que deveria ser capaz de pedalar mais depressa do que ela conseguia andar, e era isso que pretendia fazer. Agora estava em pé sobre os pedais.

Ela acelerou o passo — ainda estava andando! Seus cotovelos se projetavam para a esquerda e para a direita e sua boca era uma fina riscada de determinação. Será que ela estava sorrindo?

— Ha! — riu ela. — Que divertido!

Eram sempre os mais malucos que sorriam quando estavam fazendo as coisas mais malucas. Aquela mulher era um caso perdido.

— Por favor — disse ele, agora pedalando com a maior rapidez de que era capaz. Quase bateu em uma caixa de correio, a dos Chung, aquela com um grande símbolo da paz; esse símbolo havia causado uma enorme controvérsia no bairro. — Me solte — implorou.

— Não se preocupe — disse ela ofegante, agora correndo. — Vou ficar com você o caminho todo.

Como é que ele iria conseguir se livrar dela? Será que ela iria segui-lo até dentro de casa? Com certeza estava esperando os dois ficarem sozinhos dentro de casa para poder fazer alguma coisa com ele. Poderia golpeá-lo com a caneca de café. Ou quem

sabe pegar um travesseiro, segurá-lo deitado e sufocá-lo? Isso parecia ser mais o estilo dela. Aquela mulher tinha o olhar límpido e o aspecto eficiente de uma enfermeira assassina.

Então ouviram latidos. Max se virou e viu que o cachorro da família Scola tinha se juntado a eles, latindo para a sra. Mahoney e mordiscando-lhe os calcanhares. A sra. Mahoney não deu muita atenção ao animal. Tinha os olhos mais arregalados do que nunca. O exercício parecia deixá-la ainda mais alegre.

— Endorfina! — cantarolou ela. — Obrigada, Max!

— Por favor — disse ele. — O que é que a senhora vai fazer comigo? — Faltavam ainda umas dez casas para a sua.

— Vou proteger você — respondeu ela — disso tudo.

Ela acenou com o braço indicando o bairro em que Max havia nascido e onde sempre havia morado. Era uma rua tranquila com elmos e carvalhos bem altos, que terminava em um beco sem saída. Para lá do beco sem saída ficavam alguns hectares de mata, e depois o lago. Nada de mau ou digno de nota jamais havia acontecido naquela rua, nem naquela cidade, nem, aliás, em um raio de seiscentos e cinquenta quilômetros ao redor.

De repente, Max girou o guidom, saindo da calçada. Desceu o meio-fio e começou a pedalar pela rua.

— A rua! — arquejou a sra. Mahoney, como se ele houvesse guiado a bicicleta para dentro de um rio de lava. A rua estava vazia agora, como sempre. Mas ela logo apareceu bem atrás dele, correndo agora, novamente estendendo a mão para segurar o seu selim.

Max concluiu que era besteira voltar para casa; era para lá que ela queria que ele fosse. Ele estaria encurrulado e ela daria cabo dele com certeza. Sua única chance de escapar era a mata.

Tornou a ganhar velocidade, abrindo espaço suficiente para dar meia-volta. Deu um giro rápido de cento e oitenta graus

e tomou novamente a direção do beco, esperando conseguir entrar na mata.

— Para onde você está indo? — gemeu ela.

Max quase riu. Ela não iria segui-lo até a mata, iria? Ele olhou para trás e, embora ela houvesse perdido o ritmo por um ou dois passos, não demorou muito para começar a correr em sua direção. Cara, como ela corria depressa! Max estava perto do final da rua, quase junto às árvores.

— Não vou perder você de vista! — disse ela em falsete. — Não precisa se preocupar!

Ele tornou a subir o meio-fio, fazendo a sra. Mahoney emitir um uivo aterrorizado, e foi avançando por cima do chão duro de grama e neve. Logo começou a se abaixar rapidamente por causa dos primeiros galhos baixos dos grandes pinheiros cobertos de neve feito um bigode branco, esquivando-se entre os troncos.

— MAAAAAX! — gritou ela. — Na mata não!

Ele entrou na mata e tomou a direção da ribanceira.

— Pedófilos! Drogas! Sem-tetos! Agulhas! — arquejou ela.

A ribanceira estava logo à frente, com uns sete metros de profundidade e quatro de largura. Um mês antes, ele tinha feito uma ponte larga com uma prancha de madeira por cima do vânio. Se conseguisse chegar até lá, atravessar a ponte e tirar a prancha a tempo, talvez finalmente ficasse livre.

— Pare! — berrou ela.

Ele ia inclinando a bicicleta sob o corpo, para a esquerda e para a direita. Nunca tinha pedalado tão depressa. Até mesmo o cachorro dos Scola estava achando difícil manter o ritmo; o bicho continuava tentando abocanhar os calcanhares da mulher.

— Cuidado! — gritou ela. — Olhe a... como é o nome? A ribanceira!

Grande coisa, pensou ele. Chegou à ponte, e novamente ouviu-se um uivo de terror indescritível.

— Nããããooooo!

Ele atravessou a ponte depressa, fazendo-a chacoalhar. Do outro lado, parou, largou a bicicleta e agarrou a prancha. Ela o estava quase alcançando quando ele puxou a prancha. A ponte caiu ribanceira abaixo e se espalhou nas pedras.

Ela estacou.

— Mas que droga! — gritou. Ficou alguns segundos parada com as mãos nos quadris, ofegando. — Como quer que eu proteja você se estiver aí do outro lado?

Max pensou em algumas respostas inteligentes para essa pergunta, mas acabou não dizendo nada. Tornou a subir na bicicleta, caso a sra. Mahoney decidisse pular o vão. Ela era bem mais forte e mais rápida do que ele havia imaginado, então não podia descartar essa hipótese.

Nessa hora, o cachorro dos Scola, que ainda corria a toda a velocidade, decidiu ultrapassar a sra. Mahoney, pular por cima da ribanceira e ir se juntar a Max. Levantou voo sem o menor esforço e aterrissou ao lado de Max. Virou-se para encarar a mulher e então ergueu o focinho para Max com os dentes arreganhados e os olhos felizes, como se os dois juntos houvessem derrotado um inimigo comum. Max riu, e quando o cachorro começou a latir para a mulher com o corpo dobrado para a frente do outro lado da ribanceira, Max também latiu. Ficaram os dois ali, latindo sem parar.